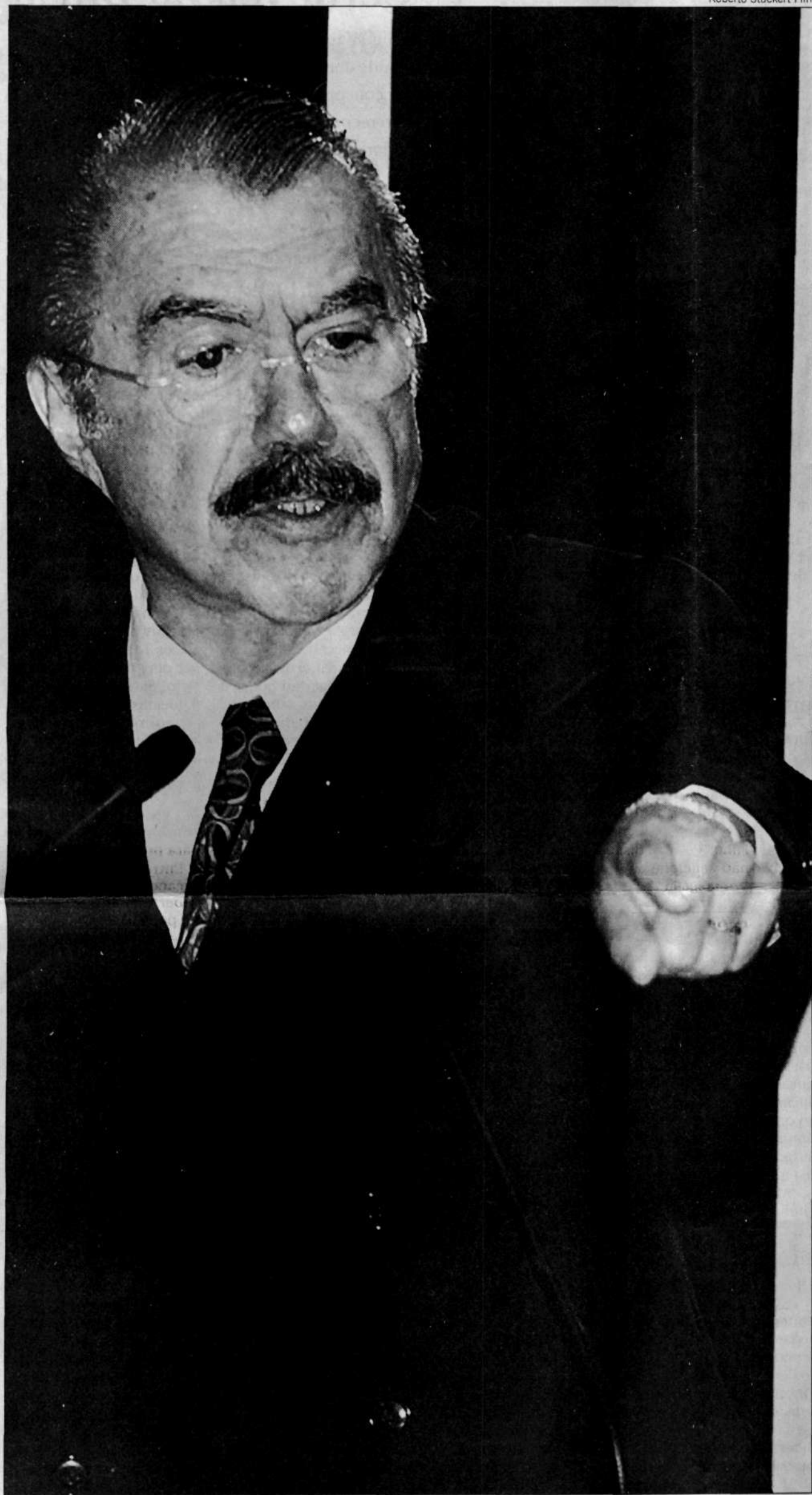


O contra-ataque de Sarney

Senador defende a filha, ataca o governo e ameaça pedir observadores internacionais

Roberto Stuckert Filho



SARNEY NA TRIBUNA: apontando o que chamou de operação com a intenção de tirar Roseana da corrida presidencial

Isabela Abdala

BRASÍLIA

O senador José Sarney (PMDB-AP) ocupou a tribuna por uma hora e 16 minutos ontem para fazer um duro discurso de condenação à forma como o governo vem conduzindo o processo eleitoral. Ameaçou solicitar a organismos internacionais, como ONU e OEA, o envio de observadores para garantir a realização de eleições limpas. afirmou que sua filha, a governadora do Maranhão, Roseana Sarney, pré-candidata do PFL à Presidência, sofre perseguição política e acusou o Executivo de usar o aparato do Estado para ajudar a eleger o pré-candidato do PSDB, senador José Serra (SP). Na defesa da filha, porém, ele não explicou a origem do dinheiro apreendido na empresa de Roseana.

Sarney insinuou que as eleições correm o risco de ser fraudadas, uma vez que, disse, a Agência Brasileira de Inteligência (Abin) guarda a chave criptográfica das urnas e do sistema eleitoral.

— Na defesa do processo democrático, irei bater às portas da ONU, da OEA, do InterAction Council e onde for necessário, pedindo observadores para as eleições, a fim de assegurar a vigilância internacional da nossa sucessão, sobre como o processo decorre, as pressões, legislação e os métodos. Estão acontecendo coisas que preocupam — declarou, sob aplausos do plenário.

Sarney denunciou “manobras sujas” e chegou a comparar o Brasil ao Zimbábue, onde o presidente recém-eleito, Roberto Mugabe, foi acusado de intimidação para vencer as eleições, à Colômbia, onde uma candidata foi seqüestrada, e ao México, onde dois candidatos foram assassinados.

Alvos: FH, Serra, Aloysio e Fortes

• O pronunciamento teve quatro alvos principais: o presidente Fernando Henrique, Serra, o ministro da Justiça, Aloysio Nunes Ferreira, e o deputado Márcio Fortes (PSDB-RJ). Serra não foi ao plenário. Coube ao líder no Senado, Artur da Távola (PSDB-RJ), a tarefa de defender o governo e os tucanos das acusações. Na saída, Sarney foi cumprimentado por pefelistas, peemedebistas e parlamentares da oposição. Emocionado, deixou o plenário com os olhos marejados e disse apenas que se sentia bem.

Na defesa da filha, citando juristas e advogados, Sarney sustentou que a ação da Polícia Federal na empresa de Roseana foi uma ação ilegal e fruto de uma operação monta-

da com a intenção de tirá-la da corrida presidencial. Mas sobre a origem do R\$ 1,34 milhão encontrado na Lunus, limitou-se a dizer que cabe ao genro, Jorge Murad, dar explicações sobre os recursos, que seriam para os gastos com a pré-campanha. Nesse ponto, acusou Fernando Henrique de também ter recebido doações fora do prazo legal.

— Não é novidade que as campanhas são feitas de doações. O senador Antonio Carlos Magalhães conta que viu, em 94, o senador Andrade Vieira entregar R\$ 5 milhões, hoje, atualizados, R\$ 10 milhões, como contribuição à pré-campanha do presidente Fernando Henrique, na presença do candidato.

‘FH afirmou que demitiria Aloysio’

• Sem esconder a mágoa com Fernando Henrique, Sarney relatou que em conversa com o presidente alertou-o de que agentes da Abin, segundo ele patrocinados por Fortes, estavam vasculhando a vida de seus parentes e amigos. O presidente, segundo ele, garantiu que o governo não estava envolvido. No dia da

“Uma eleição não é fraudada somente nas urnas. O processo pode começar fraudado nos casuísmos”

JOSÉ SARNEY

ação da PF no Maranhão, disse, o presidente chegou a lhe dizer que se o ministro da Justiça soubesse da operação e não o avisasse, seria demitido. Logo depois, o próprio ministro estaria na televisão declarando que foi ele mesmo quem deu as ordens.

— Quem acredita neste país, qual idiota, que uma ação dessa magnitude seria armada sem que a máquina estatal de nada soubesse ou dela participasse? Quem neste país não sabe que foi uma ação política suja, com propósito determinado? — perguntou.

Contra Serra, além de dizer que ele também é réu em dois processos por improbidade administrativa, Sarney se disse impressionado e intrigado com o fato de que toda referência a atos de espionagem e a dossiês nasce no Ministério da Saúde, pasta ocupada por Serra até um mês atrás. O senador citou recortes de jornais e revistas que apontam para o aumento de gastos do ministério com a Fence, empresa de varredura telefônica. Disse ainda que os ex-concorrentes tucanos de Serra — o governador do Ceará, Tasso Jereissati, e o ministro da Educação, Paulo Renato — também foram objeto de dossiês e de espionagem:

— O que vejo no Brasil de hoje é o medo dos dossiês, das escutas, da espionagem na vida privada das pessoas. Todos têm medo. Ninguém tem confiança de que o aparato estatal não seja jogado contra si. Um amigo, diplomata estrangeiro, me disse: o clima no Brasil mudou muito. Está muito parecido com o Peru do tempo de Fujimori.

FH: ‘A mídia é que deve fiscalizar’

Presidente discorda da proposta de fiscalização internacional

Diana Fernandes

Enviada especial

• ARICA, CHILE. “Quem deve fiscalizar a lisura das eleições é a mídia”. Com essa declaração, o presidente Fernando Henrique Cardoso discordou ontem da proposta do senador José Sarney (PMDB-AP) para que organismos internacionais monitorem as eleições deste ano. Fernando Henrique se mostrou surpreso com a declaração do pai da pré-candidata do PFL, Roseana Sarney:

— Não acredito que o presidente (Sarney) tenha dito isso. Quem vigia as eleições no Brasil é a mídia. Não precisa de mais de ninguém.

O secretário-geral da Presidência, Arthur Virgílio, também rejeitou a idéia.

— O Brasil não é mais uma república bananeira. O importante é ter imprensa livre e Judiciário funcionando normalmente — disse.

O presidente negou que interfira no processo sucessório e fez fartos elogios ao PFL, afirmando que o partido foi de grande importância para seu governo e para a História do Brasil e que não pode, ficar afastado da vida pública. Disse ainda que tentará influenciar na recomposição da base aliada para as eleições, mas ressaltou que é uma tarefa que cabe diretamente aos partidos.

— Tenho responsabilidade direta com a governabilidade e o PFL me ajudou muito em uma série de transformações para o país. Quanto à questão eleitoral, não posso agir diretamente, mas minha influência tem sido no sentido de buscar a convergência — disse Fernando Henrique.

O presidente reconheceu que são muitas as dificuldades com o PFL, mas lembrou que a vida política depende das circunstâncias e que a eleição ainda está muito longe:

— Até lá muita água vai passar de-

baixo da ponte. Vamos ver que condições haverá para isso (a convergência). Tenho conversado sem cessar com dirigentes do PFL por telefone, mesmo daqui, e mostro a importância do apoio para o governo e para a História do Brasil — disse.

Os elogios foram na mesma proporção das cobranças, ainda que discretas, para que os pefelistas aprovem a emenda da CPMF no Senado sem maiores problemas para o governo. Quando diz que o PFL precisa retomar o caminho da vida pública, o presidente indica que esse caminho poderá se dar pela aprovação da CPMF também no Senado:

— Tenho convicção de que os senadores do PFL terão a mesma sensibilidade dos deputados e vão votar favoravelmente. Terei toda a paciência necessária para que o Brasil possa seguir no caminho construtivo. E vou fazer de tudo para que os ânimos não se exaltem. ■



FERNANDO HENRIQUE: “Não acredito que o presidente (Sarney) disse isso”